



Mundus
2007 NÚMERO 17_MARÇO

m mundus

MULHERES PORTUGUESAS NA CIÊNCIA

ENTREVISTAS

a mais de 40 investigadoras

FACTOS E NÚMEROS

da ciência no feminino

ENTREVISTAS

a Eurodeputadas
portuguesas

CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO EM PORTUGAL

EMPREGO CIENTÍFICO, BOLSAS, FINANCIAMENTO À INVESTIGAÇÃO



JAMILA MADEIRA

EURODEPUTADA

Enquanto mulher, mas também deputada, como vê a presença feminina na Ciência em Portugal?

A participação das mulheres nas várias vertentes da sociedade portuguesa é cada vez mais visível e determinante. No que diz respeito à ciência, embora estejamos longe de poder estar satisfeitos, existe a tradição portuguesa de uma forte presença feminina no meio científico e académico. Se compararmos a situação portuguesa com a dos restantes parceiros europeus, o panorama nacional é especialmente animador. Um estudo publicado pelo EUROSTAT no ano passado coloca-nos no quarto lugar no que respeita à percentagem de mulheres a desenvolver investigação científica, num valor que se cifra à volta dos 44%. Na Alemanha, por exemplo, a percentagem de mulheres cientistas é de 17%. Já o panorama geral da União Europeia é um pouco desanimador, com uma clara sub-representação das mulheres entre os investigadores. Segundo os últimos dados referentes a 2003, a média europeia situa-se à volta dos 30%.

Em Portugal, o panorama começou a mudar sobretudo a partir dos anos 80 e, actualmente, é com bastante satisfação que vejo um número cada vez maior de mulheres a frequentar o ensino superior. O que se lamenta é que em grande parte dos casos, as qualificações adquiridas não correspondam, posteriormente, às expectativas em termos profissionais. No que à carreira científica diz respeito, creio que a enorme competitividade do meio e as dificuldades de conciliação entre a vida familiar e profissional continuam a constituir barreiras a um maior envolvimento por parte das mulheres, ou pelo menos, ao reconhecimento do seu mérito.

Que comparação se pode fazer entre esta situação e a situação das mulheres europeias, nos respectivos países? (quer justificar)

Os dados disponibilizados pelo EUROSTAT demonstram claramente que as mulheres constituem uma minoria entre os investigadores da União Europeia, cerca de 30%, em média. Em algumas áreas-chave da investigação e desenvolvimento, como as ciências naturais, as engenharias e a tecnologia, esta sub-representação é ainda mais evidente e, neste caso particular, o panorama não difere muito de país para país. Aqui poderão estar em causa questões de preferência ou aptidão que levam a que as mulheres dêem uma maior preferência às ciências humanas e sociais. Outro aspecto que também é possível constatar diz respeito às preferências em termos de ocupação profissional. Neste contexto, há uma clara preferência das mulheres cientistas pelos sectores governamental e do ensino superior, por contraposição ao sector empresarial maioritariamente ocupado pelo sexo masculino. Para além das questões relacionadas com as preferências e aptidão, o sector público parece, apesar de todos os esforços que vêm sendo envidados para abarcar todos, ser aquele que está mais sensibilizado para a questão da igualdade de oportunidades entre os géneros.

O tema das mulheres na ciência está contemplado nas políticas europeias?

– Fale-nos um pouco dessas medidas, nomeadamente das que se encontram contempladas no Grupo de Helsínquia.

O tema da igualdade entre os géneros encontra-se transversalmente vertido nas várias políticas europeias, muito especialmente após as reformas introduzidas pelo Tratado de Amesterdão. Nas políticas de emprego e assuntos sociais, que acompanho muito de perto, a promoção da igualdade entre os géneros é uma questão nuclear e prioritária. De facto, apesar dos esforços de sensibilização neste sentido, continuam a ser frequentes os casos de discriminação no mercado de trabalho, sobretudo no que respeita às condições remuneratórias. No que diz respeito à participação das mulheres na política de investigação e desenvolvimento, o panorama não é animador e, por esse facto, têm sido efectuados esforços no sentido de promover um maior envolvimento das mulheres. Em 1999 a Comissão Europeia adoptou um plano de acção para a promoção da igualdade entre homens e mulheres na ciência. Consequentemente, os Estados-membros foram convidados a iniciar um diálogo e intercâmbio de ideias sobre as políticas nacionais e a desenvolverem sistemas de informação que permitam aferir a participação das mulheres na ciência a nível europeu. No seguimento desta iniciativa, constituiu-se o Grupo de Helsínquia que tem promovido a adopção de algumas medidas importantes, designadamente, o fornecimento de estatísticas nacionais, a produção de relatórios, a constituição de redes de mulheres cientistas, a fixação de metas e quotas, a reserva de cátedras, a constituição de fundos de investigação e prémios para as jovens mulheres na ciência ou, ainda, a adopção de legislação que permita garantir um equilíbrio entre os géneros em organismos públicos. Também se tem trabalhado no sentido de modernizar a gestão dos recursos humanos, com a adopção de processos de recrutamento mais transparentes e mais sensibilizados para a formação em matéria de igualdade. A pedagogia da educação científica é outro aspecto que se pretende melhorar através da identificação e eliminação dos preconceitos no modo como a ciência é ensinada.

O 7.º Programa Quadro de Investigação e Desenvolvimento (2007-2013), no seu subprograma Pessoas, pretende disponibilizar recursos financeiros destinados a melhorar as perspectivas de carreira dos investigadores e a incentivar a sua formação e mobilidade. Aqui surgem as mulheres como particular potencialidade de beneficiárias. Orgulho-me por isso de ter sido o breia deste subprograma como relatora do Parlamento Europeu na área do emprego e assuntos sociais.

No seguimento destas políticas, que medidas Portugal tem vindo a tomar de modo a conseguir integrar mais mulheres na sua rede de ciência?

Em Portugal, sobretudo a partir dos anos 90, foram tomadas algumas medidas importantes no sentido de promover um maior envolvimento das mulheres na ciência. Com a criação do Ministério da Ciência e Tecnologia, em 1995, foi dado um passo muito importante na criação de estruturas de apoio à investigação, dedicadas, especificamente, à promoção e ao financiamento de programas e projectos, à coordenação da cooperação internacional e à recolha de informação e dados estatísticos sobre o sistema nacional de investigação e tecnologia. Falo designadamente da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), do Instituto de Cooperação Científica e Tecnológica Internacional (ICCTI) e do Observatório da Ciência e do Ensino Superior (OCES). Este último tem desenvolvido um trabalho importante na

colha de elementos e no acompanhamento das recomendações do Grupo de Helsínquia. Existe também o trabalho meritório de várias associações na promoção de estudos e conferências sobre a temática das mulheres. Só para citar alguns exemplos, a Associação Portuguesa das Mulheres Cientistas (AMONET); a Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres (APEM) e a Comissão da Condição Feminina, entre outras, tem efectuado um trabalho importante neste sentido. As Universidades portuguesas, através da constituição de centros e redes de investigação e da edição de publicações especializadas são, obviamente, actores-chave em todo este processo.

No seu entender, já são dadas, actualmente, as mesmas oportunidades às mulheres no ingresso à vida da ciência e da investigação?

Os vários estudos efectuados referem que, apesar da presença crescente das mulheres na comunidade científica, continuam a existir barreiras invisíveis que dificultam o acesso das mulheres a determinadas áreas científicas e tecnológicas, em particular às carreiras profissionais de topo e às posições de poder e de influência científica, uma situação que é particularmente acentuada na área das ciências naturais e exactas. Parte da explicação para este facto parece estar numa consolidação mais antiga das ciências exactas em Portugal, por comparação com as ciências sociais e humanas que come-

çaram a desenvolver-se de forma especialmente intensa apenas após o 25 de Abril de 1974. Para além deste facto, existe a já referida enorme competitividade que caracteriza o meio científico.

Seja como for ainda existem alguns 'entraves' de ordem cultural e social, problemas estes mais complexos e que não se resolvem tão fácil e rapidamente. Que soluções aponta para aliviar as 'cargas' ainda carregadas pelas mulheres e que as impedem, muitas vezes, de seguir com as suas carreiras profissionais, neste caso na área da investigação científica?

Penso que estes entraves de ordem cultural e social têm de passar, primeiramente por uma mudança de mentalidades. O peso da tradição, ainda que por vezes de forma inconsciente, continua a estar presente. Este facto é particularmente sentido pelas mulheres a quem é pedido quase tudo. Uma das questões mais complexas do actual mundo do trabalho, e que não se aplica somente às mulheres, diz respeito à conciliação entre a vida pessoal e familiar. É preciso garantir um equilíbrio que permita libertar a mulher de determinadas tarefas através de uma maior solidariedade do sexo masculino. Para tal é igualmente crucial que a rede social de apoio seja capaz de dar resposta adequada às necessidades dos dias de hoje e não exigir que existam super mulheres. É também necessário quebrar o estigma de que as mulheres



estão, por natureza, menos absorvidas ou empenhadas do que os homens numa carreira profissional. O meio científico e académico é particularmente exigente e competitivo, pelo que, particularmente aqui, as dificuldades sentidas serão porventura maiores e a sua presença em elevado número demonstra essa determinação.

Há mulheres que justificam o problema das oportunidades, em parte, pelo facto de todo o sistema estar há anos a ser organizado e dirigido por homens, logo segundo os seus interesses e conveniências, na sua

maioria distintos das prioridades femininas, daí a dificuldade das mulheres em agarrar cargos de maior destaque e responsabilidade. Concorda? Porquê?

Não gostaria de enveredar por uma espécie de teoria da conspiração ou de guerra entre os sexos. É visível que a presença masculina no panorama da ciência em Portugal é bastante superior à presença feminina, sobretudo nos lugares de topo. Existem alguns factores que podem explicar este facto como as diferenças ao nível de preferências, aptidões e prioridades. Como referi, o meio científico e académico é extremamente competitivo e é frequentemente referido

como verdade que muitas mulheres têm que ser muito melhores que os seus pares para conseguirem demonstrar que merecem um lugar. Por isso, por vezes o mérito não é suficiente. Trata-se, uma vez mais, de uma questão de poder e de mentalidades. Isto passa-se em Portugal e na maioria dos países europeus.

Concorde ou não com esta 'teoria', o facto é que existe nela algum fundamento, já que num mundo habitualmente 'governado' por homens há detalhes da vida do dia-a-dia (casa, família) que escapam por serem, ao longo de anos e anos, responsabilidade das mulheres. Será esta uma situação que demorará a inverter-se também por muitos anos ou, no seu entender, há soluções mais céleres e eficazes?

Como referi anteriormente, existe uma herança cultural que coloca sobre as mulheres a pressão de dar resposta às necessidades domésticas e familiares. Como sabemos, as mentalidades levam gerações a mudar. Creio que pelo menos nas novas gerações, já existe a consciência da necessidade de partilhar tarefas e de pôr em prática uma maior solidariedade entre os géneros. Já não faz sentido que a mulher tenha que sacrificar a sua carreira profissional por motivos relacionados com os afazeres domésticos e familiares. Mas também não faz sentido que tenha que abdicar dela para ter uma carreira de sucesso. É preciso é dar condições que permitam aos indivíduos organizar o seu tempo e conciliar as suas vidas pessoais e profissionais. Ao nível da União Europeia têm sido tomadas medidas importantes a este respeito relacionadas, por exemplo, com o tempo de trabalho e o gozo de licenças de maternidade ou paternidade.

Estarão as mulheres, na sua maioria, motivadas para essa mudança ou para elas continua a ser natural (ou obrigatório) a tradicional distribuição de tarefas entre homens e mulheres,

em que o homem tem sempre o papel de dirigente e 'chefe de família'?

Acredito nessa motivação mas também acredito que muitas mulheres ainda sentem o peso da tradicional diferença dos papéis sociais, sobretudo quando se trata de algo que fez parte da sua educação e lhes foi inculcido muito cedo. Mas creio que o panorama está a mudar. Tudo passa por uma questão de educação e de valores e, como sempre, a mensagem passa também de pais para filhos, ou melhor, de mães para filhos.

Creio que as mulheres estão cada vez mais exigentes em termos das suas expectativas. Penso que, actualmente, os maiores problemas não residem tanto na divisão de tarefas entre os casais, mas sobretudo no mercado de trabalho, onde creio que se continua a verificar o estereótipo de que a mulher, para ser uma profissional levada a sério, tem que se dedicar à profissão a tempo inteiro sem ter vida pessoal. Este tipo de discurso já não faz qualquer sentido. Este discurso pertence ao século passado e deve ser tratado como tal.

Tem exemplos à sua volta (sem identificar ninguém em concreto) que exemplifiquem esta dificuldade da mulher em ultrapassar certos preconceitos muito enraizados na sociedade? E de mulheres que ultrapassem tudo isso? – Em ambos os casos, que motivos e compensações têm estas mulheres?

Muitos são os exemplos possíveis e que nos rodeiam diariamente. Os preconceitos multiplicam-se. No entanto, tentando generalizar, podemos dizer que numa primeira fase da vida profissional das mulheres e, aliás, dos jovens em geral, alega-se que têm pouca experiência e excesso de juventude. Na segunda fase da sua vida profissional e aqui, particularmente para as mulheres, temos duas hipóteses: ou estamos perante uma mulher que consegue ultrapassar o bloqueio que a sociedade lhe coloca no caminho e vai à luta tendo uma vida profissional de sucesso e uma vida familiar com marido e filhos, e então, a determinada al-

tura da sua carreira é lhe dito que não pode ir mais longe pois já está sobrecarregada e já foi muito bom, ter chegado até aqui; ou se estamos perante uma mulher que tendo uma vida profissional de sucesso, não tem marido e filhos e por isso é vista como excessivamente masculinizada e, conseqüentemente, é discriminada por não saber representar o seu papel.

Infelizmente estas são as situações mais exemplificativas da sociedade actual. Felizmente em termos legislativos as coisas estão a mudar e isso empurrará as novas gerações para cenários mais optimistas e equilibrados.

As compensações das super-mulheres que temos hoje derivam sobretudo do gosto ou paixão que põem em tudo o que fazem. Essa é a melhor compensação de todas.

Ainda no que diz respeito às mulheres na ciência, como se explica que haja um número mais elevado de raparigas a estudar nas universidades, a acabar os seus cursos com melhores resultados e depois o seu ingresso numa vida dedicada à investigação seja muitas vezes trocado pela docência ou por outro ramo de actividade onde se verificam horários mais rotineiros e mais fáceis de coordenar com a vida pessoal?

É com bastante agrado que vejo a forma como as mulheres portuguesas procuram adquirir uma formação superior e promover-se intelectualmente. É uma forma de a mulher se cultivar, ter as suas ideias e projectos próprios e marcar uma posição. Lamento, no entanto que, por razões de opção ou de discriminação, esta formação não tenha posteriormente, e em grande parte dos casos, uma correspondência em termos de expectativas no campo profissional.

No entanto os indicadores já demonstram de forma expressiva que o empreendedorismo feminino tem uma enorme marca em Portugal. Resta agora estimulá-lo para que exista também na área da ciência. Julgo

que esse desafio é muito importante numa altura em que o apelo é para aproximar a ciência e a investigação das PME's e do lado pragmático da vida e ninguém melhor que as mulheres para dar forma a este apelo.

Pedia-lhe que fizesse um pequeno exercício e nos desse a conhecer a sua imagem do mundo, caso esta tivesse sido desde o início governado e dirigido, em lugares de topo, por mulheres. Que mundo teríamos nós se os papéis das mulheres e dos homens fossem invertidos no que diz respeito ao poder?

Esse cenário é muito difícil de construir. Creio mesmo que impossível. De qualquer forma, e de uma maneira mais ou menos visível, as mulheres estiveram sempre presentes nas grandes histórias que fizeram a História Universal. D. Urraca, D. Inês, Maria Antonieta, Marianne, Evita Péron, Jacqueline Kennedy, Winnie Mandela, Hillary Clinton, etc. Sempre adoradas, mas sempre temidas pela sua poderosa influência.

Por outro lado, todas aquelas que a história não conseguiu perceber, intitulou-as de bruxas e decretou-lhes a morte por afogamento ou na fogueira. Parece estranha esta referência, por parecer longínquo, mas isto só muda verdadeiramente já no pós-revolução industrial.

Por isso, o que creio que tem que mudar no mundo é o equilíbrio de poderes. O mundo não pode ser governado por uns e estes temidos pelos outros (falamos de uma divisão de género, religião, crença, etc.). O mundo deve ser governado em cooperação e solidariedade entre todos.

Acredita que esta sua visão será um dia realidade?

É isso que faz com que me levante pela manhã todos os dias cheia de energia, com a noção que o meu contributo é crucial para que tal aconteça, mesmo estando consciente que este é um contributo microscópico à escala mundial. 